

# Elefantezinho Verde

Francisco Duarte Mangas



# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

---

*à mariana  
porque não sabe o que  
é um perdigueiro encharcado*

## Elefantezinho Verde

---

Em vez de palavras encontra pequeninas pegadas. Segue-as. Devagar, com paciência de cão. De velho perdigueiro, que facilmente descobrirá o bando. As astutas perdizes têm um defeito: quando pressentem o perigo, refugiam-se na parte alta da montanha. E escondem o medo entre as ervas. O cão aproxima-se. Pára. Imóvel, como uma estátua de silêncio. É a vez do caçador, se acaso for novo, subir lesto a serra. Avança! ordena o homem. O perdigueiro hesita. Depois sacode a mudez: e corre (focinho rente à terra), dobra a encosta... Mais das vezes a viagem perde-se no abismo húmido, aromático, dos matagais. Astúcia não anula defeitos: suaviza-os. Inútil, portanto, seguir o cão. O rasto das pequeninas pegadas termina, ao contrário da rota das perdizes, ao fundo da descampada página. Aí, o contador da história vê algo parecido com uma azeitona: toca-lhe duas vezes com o bico da caneta. A azeitona mexe-se! E, em gesto de defesa, levanta um braço. Não é um braço, mas uma tromba em tamanho reduzido. Uma azeitona, uma tromba, olhos e...

Não digas mais nada, eu sou o elefantezinho verde. Se quiseres um amigo, deixa-me ficar no papel. Como vês, sou pequenino: o canto da folha chega para eu me acomodar.

Está bem, mas teremos de fazer um acordo. Diz o contador da história ao elefantezinho, que retém no ar a tromba, na delicada forma de pescoço de cisne.

O acordo é este: só podes passear nas margens da página. Não quero pegadas nas

palavras! O elefantezinho baixa as orelhas. Arruma a tromba entre as patas; dirige-se vagaroso, pela margem, para o canto superior da folha.

Pára a meio do percurso. Roda o corpo também lentamente, ergue a cabeça. Para evitar a luz, resguarda os olhos sob a extremidade das orelhas. Isso é uma ordem! Rodopia, desenhando um círculo no papel - segue caminho a patinhar o acordo.

Pronto. Podes escrever.

Não queria ser indelicado, mas a tua presença assustou a história da minha cabeça.

Eu pensava que as histórias dormiam dentro da caneta!

Trago-as na cabeça. E preciso de silêncio...

Já percebi: a caneta guarda a sombra das palavras!

Não é bem assim, elefantezinho.

Então como é? Agora não te posso explicar.

A minha mãe não escrevia as histórias que me contou. Talvez por ter uma cabeça muito grande.

A tua mãe conhecia apenas uma história.

Sabia muitas. E eram verdes, perfumadas como os limoeiros. Se tiveres paciência, não digo de elefante, posso contar-te algumas. Histórias de elefantes...

Que pretendes dizer com histórias de elefantes?

São enormes!

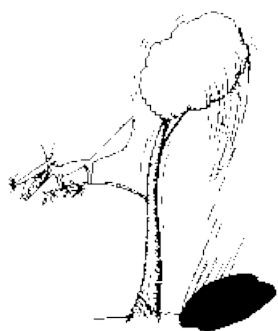
Ouviste alguma?

O contador da história guardou a caneta. Levanta-se. Antes de fechar a porta, avisa o elefantezinho: nesse papel não cabe a tua história. De qualquer maneira, tenta.

Em frente dos olhos do elefantezinho havia uma selva sem árvores, sem o cheiro do medo, sem o rumor fresco do vento. Apenas riscos negros, rigorosos. E a alvura do silêncio que precede o mistério da escrita. Como poderei contar uma história se estou tão longe do verde?

Sobre a mesa, ao lado do papel, dorme um livro. O elefantezinho repara no título. Sorri. Quando a inspiração cabe numa caixa de fósforos, recorre-se aos mestres. Era o que o contador pretendia fazer... Mas precisava de silêncio. Aproxima-se do livro. Tenta abri-lo. Em vão. Ele é um elefante, do tamanho de uma azeitona. Mas a tromba, viscosa como uma enguia de vidro, penetra nas folhas sem acordar a obra. E, súbito, o corpo incha como a rã que queria ser boi: um cardume de manchas pretas invade a pele do pequeno elefante, agora do tamanho de uma romã.

Suspende a prospeção em prosa alheia: faltou-lhe, enfim, a vaidosa coragem da rã da fábula. Só a minúscula tromba, ridícula em tão nutrido corpo, mantém réstia de identidade verde. Regressa ao papel. Viagem penosa: os olhos infiltraram-se na carne; as orelhas tocaram o chão e impediam a caminhada. Entra na página, exausto. Atrás de si um rasto azedo de suor. Deita-se. A romã transforma-se em ovo mal estrelado.



Acocorou-se no mais alto ulmeiro da floresta. Segura entre os dentes um naco de queijo. (Esta história passa-se numa tarde de Verão). A copa da árvore despeja na terra uma mancha redonda de sombra. Aí entra o corvo, velho, esfomeado. Para evitar o

sol, trazia as asas em forma de pirâmide sobre a cabeça. Que canícula! diz o corvo, depois de baixar as asas. Destapada a cabeça, pode então alampar a raposa e o pedaço de queijo entre dentes branquíssimos. Bons olhos te vejam, querida amiga! Rapinaste um queijinho... Bem dividido matava a fome a um mamífero e a uma pobre ave. A raposa prateada ignora a companhia. Pois, eu sei, eu sei: tens mais olhos do que barriga! Depois de comeres o queijo suplicarás por água. E as fontes secaram! Ouve. Se dividisses o queijo, repartias a sede. Entendes? Claro, tu entendes. És um animal inteligente, astuto. Mas recusas. Julgas que por termos invertidos os papéis a história terá o mesmo fim.

Eu elogio a tua luzidia pele, depois os teus olhos, depois o teu latir. Peço desculpa, latir é fala de cão! De momento, é do calor, é do calor!, não sei nomear a tua voz. Bem, fica latir entre aspas. Então eu declamaria: raposinha, se o teu latir-entre-aspas fosse belo como a tua pele macia, serias a rainha do bosque! Desvairada com a revelação, abririas a boca... e o naco de queijo esborrachar-se-ia aqui, como diospiro maduro, junto aos meus pés! Afasta, afasta tão per-versa ideia. As histórias, mesmo as de ficção, nunca se repetem. Pronto. Agora só aceito parte do queijo se for eu a dividi-lo. Desconfio da tua seriedade. Bem vistas as coisas, o queijo nem é teu. Apoderaste-te dele por via da ancestral matreirice. Animal indigno! No fim desta história até as tontas galinhas hão-de rir de ti. Come, come o queijo, e que te saiba bem! Mas, relembro, a sede repar-tida...



Não te fustigo mais. Palavras de corvo não chegam à copa dos ulmeiros. Olha, vou dormir. Faz o mesmo, querida amiga. E fica em sossego: as minhas asas não servem para voar. Inclinou a cabeça, mergulha o bico nas penas do papo. As aves dormem de pé. E eu, mesmo sem voar, não fujo à regra. Será o nosso sono transparente?

Assim adormeceu o corvo, envolto na dúvida.

O elefantezinho emagrece. Longe ainda da verdura e do original tamanho. Lá chegará, a tempo de o contador da história de nada suspeitar: o livro continua no mesmo sítio; o



suor dissolveu as pegadas verdes da ida, e as pretas do regresso. E no papel existem palavras. Bom sinal para quem deseja contar uma história. Do ulmeiro, a raposa vigia o sono do corvo (a desconfiança protege os animais bravios). Algo a perturba. Não, não é a companhia da ave. É o sol, impiedoso. Há duas alternativas: comer o queijo ou esperar que o dia dobre as montanhas. Repastar o queijo resolve o problema. E a sede? O sol parece não ter pressa. Existe uma terceira saída: dividir o queijo.

Nunca!

O sono dos alados, além de transparente, é leve. Eis, pois, o olhar negro da ave apontado ao focinho da raposa. Reparem no que o calor faz no queijo. Derrete-se na tua boca, não é?... Se fosse a ti comia-o.

É triste, pensa a raposa, ficar calada a ouvir um corvo. No fundo, todo este monólogo cínico tem um sentido. Não vou na cantiga. Mal está a raposa quando não sabe o que fazer



a um naco de queijo! diz o corvo. E ficou vaidoso por ter adaptado à situação um provérbio. A raposa sentiu-se tão humilhada como um grilo. Manteve, porém, a serenidade vegetal dos animais astutos. Mas uma gota de suor caiu, pesada, do alto do ulmeiro. O corvo corre ao local. Volta, decepcionado: nem era parra nem bago de uva.

Enganas-te, raposa. Tenho fome, mas não necessito de água, Tu, se comeres o queijo, alertarás a sede. Neste momento, não gostaria de vestir a tua pele — embora seja a mais bonita do bosque. Por isso os homens te dão caça. É verdade! Sabes a razão de eu rastejar quando tenho asas para tocar os céus? Foi um caçador furtivo. Feriu-me, pensou que eu era perdiz. Rude ignorância!

Durante a narração do episódio venatório, outras gotas de suor desprenderam-se da copa da árvore. O facto de o corvo não mostrar atenção a essa chuva de medo, fez crescer o pavor da raposa — talvez ele falasse verdade.

Claro, encenação pura. As perdizes caçam-se no Outono e no Inverno. E se houvesse por perto caçador furtivo, ele não teria adormecido, em paz, na sombra do ulmeiro. O corvo ouviu este silencioso raciocínio da raposa. Desmonta-o. Dormi em sossego por-que estava sob protecção. Ninguém dorme com um queijo na boca! Ficaste de vigia, do alto dessa árvore que abraça o longe: se alampasses o caçador, correrias a sete pernas em busca de penedia segura. Enfim, o mínimo ruído poluiria o meu sono transparente. Acabemos com a conversa. Divide o queijo... Depois, merenda comida companhia desfeita. Os pingos de suor



amainam (empresa difícil seduzir um predador). Não é o medo que engorda a imaginação do corvo: a musa inspiradora dança agora nos dentes da raposa. (Que tamanho terá o elefantezinho? Bem, ainda não é a azeitona. As palavras ocupam espaço. O verde, entretanto, enxota a mancha escura. Indício do final da história?).

Querida amiga, proponho-te um acordo.



Eu anulo o caçador furtivo do papel. Ele é perigoso: está no pleno direito de te confundir com um gato bravo. Em troca do caçador, desejo ouvir um

latido da tua boca. Peço de novo desculpa: ladrar é converso de mastins. Tu, salvo erro, trucilas. Ficaste ofendida!? É bem mais nobre do que cacarejar! Os sons da tua voz são guturais — quando trucilas, a natureza emudece para te ouvir. Nem o rouxinol se orgulha de canto tão belo. Se tivesses asas, sim, se tivesses asas, serias a deusa das aves.

Esquece o queijo, estou a ser sincera. O quê! Como pu-deste pensar em tal coisa?



Quem trucida são os comboios. Disse-ram-me, nunca ouvi nenhum cantar. Uma letra apenas, repa-raste?, altera por completo a nossa voz. Eu crocito. Tenho voz agreste, fria.

misteriosa. Os monges crocitam também - por se vestirem de negro. Dizem-me que os melros, meus parentes remotos, assobiam. Falso. São negros, portanto, crocitam. Só os caçadores assobiam... a chamar pela matilha!

Por artes do sol, o queijo começa a oscilar na boca da raposa. Parece um bigode pardacento. Se o comesse agora, as pontas do



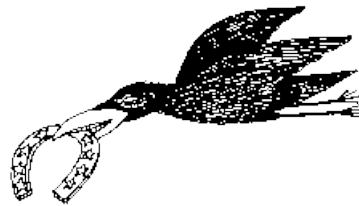
bigode caíam ao chão. E bastariam para calar o corvo. Mas as aves cultivam a paciência.

O queijo atinge o ponto desejado pela raposa: por essa razão esteve ali, sabiamente, quieta ao sol. Ganhou a forma de U ao contrário. Com prudência, encaixa-o, como se fosse uma ferradura, num galho delgado do ulmeiro. Feito o trabalho, salivou de alegria e disse: Quem trucila é o tordo, estúpido! Eu regougo! O corvo encolhe, em desalento, a cabeça. Grunhe. Ouve, ouve bem, raposa: a tua voz é mais estridente do que o apito do comboio! E a tua pele cheira mal! e... Corvo nojento, sai imediatamente da sombra!

A sombra é de quem nela dorme!

Queres que vá aí abaixo, corvo estúpido!

Desce, lesta, furiosa. O corvo andou uns metros... voou depois, sereno, em direcção a uma carvalha. Miserável, miserável! Grita a



raposa, incapaz de anular a bem urdida cilada: um bando de corvos, saído da penumbra do bosque, já depenica, desconfiado, o tenro queijo. Um deles, generoso, voa até à carvalha com um pedaço da láctea ferradura no bico.

Que te sirva de lição: não subestimes a paciência dos fracos quando lutam unidos. Regouga, trucila, crocita, cacareja, querida amiga...

Só as orelhas impedem o elefantezinho de ser todo verde e do tamanho da azeitona. (Para evitarmos imprevisto desagradável, o tordo, que trucila sob a névoa fria das manhãs de Inverno, desaparece da história. Esta ave migratória alimenta-se de uvas... e do fruto das oliveiras). Dorme no topo da folha. Tromba estendida, orelhas a tapar os olhos e o sono.



Bem merece o repouso. O sol transpôs a janela, mas o sono do elefantezinho é profundo, pré jurássico. O contador da história (lembram-se dele?) regressa à mesa de trabalho.

Acorda, acorda! Toca-lhe com o bico da caneta. O elefantezinho destapa os olhos. A luz estreme da manhã incomoda-o. Não se perturba assim o sono de um bebé perdido.

Desculpa, fiquei espantado!

Conseguiste escrever a história! O que estás a ver, diz o elefantezinho, é um plágio com efeitos especiais: uma indigestão de palavras. Deixa-me dormir...

O contador da história abriu o livro, depois a boca! Não havia dúvidas: as palavras emigraram; ficaram as ilustrações no deserto branco do papel.

Por que estão negras as tuas orelhas?

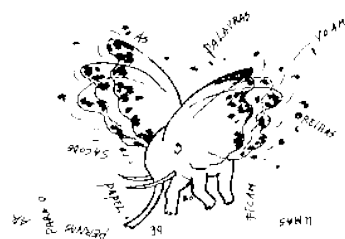
É a sombra do fim da história.

Mas isso é importante!

Achas? Espera um pouco, diz o elefantezinho. Levanta-se. E sacode as orelhas como um perdigueiro encharcado. Voam

palavras: umas ficam no papel de pernas para o ar, outras agarraram-se afitas às cortinas da janela, outras caem no tapete; outras, ainda, encontram o rosto do escritor-sem-imaginação e deslizam como lágrimas preguiçosas.

O elefantezinho adormeceu, pouco depois. Com a trombinha entre patas.



# ÍNDICE

Dedicatória.....	3
Elefantezinho verde.....	4

Colecção

# digit@lmente

*Título:* **ELEFANTEZINHO VERDE**  
*Autor:* **FRANCISCO DUARTE MANGAS**

*Edição em Formato Livro:* **2001**  
*Edição em Formato Digital:* **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**  
**para esta edição digital**

*Contacto:*  
**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.co.pt](http://www.elefante-editores.co.pt)**

Editores de Poesia desde 1997